



## FORMAÇÃO PROFISSIONAL E ATIVIDADE PRODUTIVA DO ALFABETIZADOR

Marineiva Moro Campos de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho busca fundamentos na perspectiva histórico-cultural, opção que possibilita um movimento dialético de percepção e análise dos processos de formação profissional e da atividade produtiva do alfabetizador a partir da lógica do Sistema apostilado Dom Bosco/PEARSON e suas relações com a alfabetização na perspectiva de um processo potencializador de ensino e de aprendizagens de conhecimentos científico necessários para a plena humanização dos sujeitos. Para isso, foram realizadas leituras de obras sobre a temática e análise de quatro cadernos do sistema apostilado Dom Bosco/PEARSON utilizados para a formação de alfabetizadores e para orientações das práticas de ensino. Os resultados apontam que o material do sistema apostilado organiza a formação de alfabetizadores na lógica do desenvolver competências e habilidades para atender às demandas da sociedade empreendedora. Nessa lógica, a atividade produtiva do alfabetizador estabelece relações diretas como o processo que nega à alfabetização possibilidades para ser uma etapa formativa e de emancipação. Por fim, a partir da perspectiva histórico-cultural, compreendemos que o processo de alfabetização deve ser elaborado e compreendido para além das limitações impostas pelo sistema apostilado que orienta a atividade produtiva e controla a formação profissional do alfabetizador, além de impossibilitar que esse processo se materialize como potencializador de aprendizagens de conhecimentos científico e promotor do desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Alfabetização na lógica apostilada. Alfabetização na perspectiva Histórico-Cultural. Atividade produtiva na alfabetização. Formação de alfabetizadores.

## FORMACIÓN PROFESIONAL Y ACTIVIDAD PRODUCTIVA DEL ALFABETIZADOR

**Resumen:** El trabajo busca fundamentos en la perspectiva histórico-cultural, opción que posibilita un movimiento dialéctico de percepción y análisis de los procesos de formación profesional y de la actividad productiva del alfabetizador a partir de la lógica del Sistema apostillado Don Bosco / PEARSON y sus relaciones con la alfabetización en la perspectiva de un proceso potencializador de enseñanza y de aprendizajes de conocimientos científicos necesarios para la plena humanización de los sujetos. Para ello, se realizaron lecturas de obras sobre la temática y análisis de cuatro cuadernos del sistema apostillado Don Bosco / PEARSON utilizados para la formación de alfabetizadores y para orientaciones de las prácticas de enseñanza. Los resultados apuntan que el material del sistema apostillado organiza la formación de alfabetizadores en la lógica del desarrollar competencias y habilidades para atender las demandas de la sociedad emprendedora. En esta lógica, la actividad productiva del alfabetizador establece relaciones directas como el proceso que niega a la alfabetización posibilidades para ser una etapa formativa y de emancipación. Por último, desde la perspectiva histórico-cultural, comprendemos que el proceso de alfabetización debe ser elaborado y comprendido más allá de las limitaciones impuestas por el sistema apostillado que orienta la actividad productiva y controla la formación profesional del alfabetizador e imposibilita que ese proceso se materializa como potencializador de aprendizajes de conocimientos científicos y promotor del desarrollo humano.

**Palabras clave:** Alfabetización en la lógica apostillada. Alfabetización en la perspectiva Histórico-Cultural. Actividad productiva en la alfabetización. Formación de alfabetizadores.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina / UNOESC. marineivamoro.oliveira@gmail.com



## **Introdução**

Com o objetivo de analisar os processos de formação profissional e a atividade produtiva do alfabetizador a partir da lógica do Sistema apostilado Dom Bosco e suas relações com um processo de alfabetização na perspectiva de emancipação, este trabalho se fundamenta na perspectiva histórico-cultural para compreender a alfabetização e a formação do alfabetizador para além de um processo técnico e fragmentado.

Nessa perceptiva de análise, compreendemos que a alfabetização, no ensino fundamental, é o ciclo inicial da vida escolar da criança, portanto, deve se constituir como um processo que busque a emancipação humana e a superação dos processos de limitações que são impostos pelas demandas da sociedade contemporânea que estruturam as formações de alfabetizadores e buscam nas práticas desses sujeitos materializarem sua lógica mercadológica.

Nesse sentido, entendemos que o processo de alfabetização é um ato político que tem um compromisso social, principalmente com a educação pública, e, se fundamentada na perspectiva de emancipação, pode possibilitar o acesso às formas mais elaboradas da linguagem, e com isso viabilizar o processo de humanização plena dos sujeitos.

Na tentativa de atingir nosso objetivo, analisamos quatro cadernos de formação do sistema apostilado Dom Bosco/PEARSON utilizados nas formações de alfabetizadores, cadernos que apresentam a proposta de uma formação fundamentada na lógica das competências e habilidades para um processo de ensino interacionista.

Organizamos o texto em três partes. Na primeira, descrevemos a historicização do processo de formação do alfabetizador e suas relações com a alfabetização. Na segunda, apresentamos a concepção de formação profissional e sua relação com atividade produtiva do alfabetizador na lógica do Sistema Dom Bosco/PEARSON no município de Xaxim/SC. Na terceira, apresentamos a concepção de formação profissional e sua relação com atividade produtiva do alfabetizador na perspectiva Histórico-Cultural.

### **1. Historicização do processo de formação do alfabetizador e suas relações com a alfabetização**



Os diálogos sobre a formação de professores no Brasil vêm se ampliando desde o final da década de 1970, assumindo amplo dinamismo nas décadas de 1980 e 1990, em especial, a partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996 (MARTINS, 2010).

Esses diálogos evidenciam a formação de professores como “uma trajetória de formação de indivíduos, intencionalmente planejada, para a efetivação de determinada prática social” (MARTINS, 2010, p. 14). Por isso, compreender a formação de professores demanda analisar a complexa trama social da qual faz parte.

Essa complexa trama que envolve a formação do professor, em especial do alfabetizador, se desdobra em um complexo movimento histórico de simultaneidade entre continuidade do movimento rumo ao encontro do método ideal para alfabetizar e descontinuidade de sentidos para o processo de alfabetização (MARTINS, 2010).

Decorrentes desse movimento, a formação profissional de alfabetizadores e a sua atividade produtiva, no que diz respeito às diferenças dos tempos e dos espaços em que esses ocorrem e as demandas sociais que esses atendem, constituem-se como processos históricos, sociais, culturais e políticos (de)formativos dos sujeitos.

No sentido de contextualização desses processos, compreendemos formação de alfabetizadores como um projeto proposto num dado momento histórico, por isso dinâmico e, ao mesmo tempo complexo, que (im)possibilita a relação dialética teórico-prática no espaço escolar. Contudo, também pode ser compreendido como um processo em movimento de contradição quando analisados o **dever ser** da referida formação e as possibilidades concretas para sua efetivação no processo de ensino da leitura e da escrita. O dever ser e as possibilidades de efetivação são decorrentes das concepções de atividade produtiva na alfabetização que se materializam no momento histórico.

A conjuntura histórica da alfabetização foi estruturada por diversos valores sociais impregnados, em momentos diferentes, para fase de escolar, ambos articulados com as necessidades sociais, em especial a do mercado, ou, como evidenciou Graff (1994), como a possibilidade da empregabilidade, como o pré-requisito para a democracia e como direito humano para todos, condição indispensável para o progresso do país.

Porém, compreendemos a alfabetização como fenômeno para além de mercado, além das habilidades técnicas e da capacidade de ler e escrever, mas como um fenômeno



socialmente elaborado, com implicações na apropriação e incorporação do conhecimento, mas que possa superar a oferta simplista desse processo complexo que

[...] para as classes trabalhadoras constitui-se em um elemento central nas estratégias políticas para estabelecer o controle no seio da sociedade, assim a educação dos trabalhadores não estava voltada simplesmente para o ensino da leitura e escrita (BECALLI, 2007, p.55).

As premissas de Becalli (2007) evidenciaram o que Graff (1994, p.86) apontava sobre a alfabetização. Para o autor, o processo de ensino da leitura e da escrita, em especial para a classe trabalhadora, não esteve voltado à apropriação de conhecimentos com potencial formativo, mas para a “[...] necessidade de treiná-los para uma nova disciplina de trabalho [...]”.

Diante dessa necessidade, as formações dos alfabetizadores voltavam-se aos conhecimentos técnicos, pois, com a necessidade de controlar a atividade produtiva, ou seja, o ensino, a alfabetização se constituiu num campo de manipulação (GRAFF, 1994).

Em meio à manipulação, o foco central passou a ser formar o alfabetizador para uma atividade produtiva nos limites das necessidades do momento social. Com isso, foi se “[...] constituindo um ecletismo processual e conceitual em alfabetização [...]” (MORTATTI, 2006, p.9). Entram em cena as disputas por métodos, pois acreditava-se que o método era a peça chave para a alfabetização, o caminho que decide as formas sistematizadas para se alfabetizar e que conduziria ao pleno conhecimento. Esse momento foi nomeado por Mortatti (2006) como querela dos métodos.

Contudo, decorrente das dificuldades de aprendizagens da alfabetização, entram em cena as pesquisas de Manuel Bergström Lourenço Filho, professor, intelectual, que se dedicou, entre 1920 e 1970, sobretudo, aos estudos dos problemas do ensino primário, principalmente, o ensino da leitura e da escrita. Suas pesquisas relativizam os métodos e valorizam o processo de maturidade das crianças, o que causou agitações no campo educacional brasileiro e proporcionou uma ruptura com os modelos de educação europeus.

Essa ruptura distanciou os métodos do processo de alfabetização e aproximou a teoria que enfatizou a necessidade de avaliar a maturidade biofisiológica da criança para aprender a leitura e a escrita. “Os métodos, por isso, eram indiferentes e representavam o



pensamento ‘tradicional’ em relação ao ‘novo’ ponto de vista proposto por Lourenço Filho” (BERTOLETTI, 2001, p. 103).

Frente a essas alterações a formação do alfabetizador é reestruturada, e o foco central da aprendizagem pautada no interesse da criança em aprender e na maturidade biofisiológica. Com isso, o desenvolvimento dos aspectos internos, biopsicológicos, do indivíduo passam a ser considerados pré-requisitos para o ensino da leitura e da escrita.

Esse novo momento histórico marcou a manifestação do pensamento construtivista, fruto de pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pelas pesquisadoras Ferreiro e Teberosky (1986), ambas argentinas e seguidoras das teorias piagetianas. Essa teoria passou a ser considerada solução para o fracasso da alfabetização.

Contudo, a partir da década de 1990, uma nova disputa é registrada, agora com a disseminação das obras de Vigostki, conhecida como teoria histórico-cultural, com as quais o cenário da alfabetização e da formação de alfabetizadores vivencia uma disputa teórica.

Face ao cenário histórico, podemos apontar que toda e qualquer formação de alfabetizador é decorrente da concepção de alfabetização que é estruturada pelos determinantes históricos, políticos, sociais, culturais e econômicos que respaldam a atividade produtiva do alfabetizador e suas ideologias. Assim, o que se faz necessário é compreender que produto derivará dessa atividade de ensino, e como a educação, em especial a fase de alfabetização, está articulada com as demandas sociais.

## **2. Atividade produtiva do alfabetizador na lógica do Sistema Dom Bosco/PEARSON em Xaxim/SC**

Com o objetivo de analisar a formação profissional do alfabetizador e a sua atividade produtiva, analisamos quatro cadernos que são utilizadas nos momentos de formação de alfabetizadores da rede pública do município de Xaxim/SC intitulados “Saberes e práticas docentes”. A análise nos possibilitou identificar como a atividade produtiva na alfabetização é organizada a partir da formação profissional dos alfabetizadores estruturadas nesses materiais.

Os cadernos analisados, além de orientar as práticas de ensino, são utilizados para a formação dos alfabetizadores do município desde o ano de 2005. São cadernos do Sistema



Dom Bosco/PEARSON<sup>2</sup> que, para a formação docente, em especial de alfabetizadores, busca fundamentos na perspectiva interacionista e incorpora os conceitos de habilidades e competências como categorias principais da formação humana. Neles podemos ler que

Em qualquer profissão se identificam diferenças individuais de habilidades, competências e desempenho. Na profissão docente não é diferente [...]. A formação contínua ou permanente é uma das condições para o magistério na sociedade atual [...] visto que as exigências por uma melhor qualificação dos futuros trabalhadores emergem num contexto de competitividade econômica (DOM BOSCO, 2018, p. 13).

De acordo com o material, toda a profissão precisa de formação inicial e continuada, e, na sociedade atual, organizada a partir dos princípios de competitividade econômica, e possuem crescimento profissional os sujeitos que melhor desenvolvem suas habilidades e competências desejadas pelo mercado.

Na educação, em especial na formação docente, as habilidades e competências desejadas, na perspectiva do material, são: refletir sobre a prática docente; gerar atitudes empreendedoras; resolver situações complexas surgidas no cotidiano profissional; inovar para instigar a cooperação e participação; construir uma sociedade mais justa e solidária (DOM BOSCO, 2018).

Ainda expresso no material, na formação docente é necessário estimular os profissionais da escola à reflexão sobre seu cotidiano, pois “a reflexão de que o professor deve refletir permanentemente sobre suas práticas em busca do próprio aperfeiçoamento surge de suas vivências” (DOM BOSCO, 2018, p.21).

Nesse sentido, a formação estimula o desenvolvimento de competências e habilidades que conduzam à resolução de problemas. Competências e habilidades articuladas ao empreendedorismo, que “é uma tendência no universo da **educação**, pois incentiva os profissionais realizar seu **projeto** que demandam criar **estratégias**, assumir riscos e aprender com os próprios erros” (DOM BOSCO, 2018, p. 1).

Nessa lógica, evidenciamos que as habilidades e competências desejadas objetivam

---

<sup>2</sup> A empresa PEARSON é uma multinacional com sede em diferentes países. No Brasil, a PEARSON é responsável pelo sistema apostilado Dom Bosco, consolidado no mercado educacional há mais de 50 anos, oferece coleções didáticas para todos os níveis de ensino, soluções digitais para enriquecer conteúdos em sala de aula, eventos de formação, consultoria de marketing e programas exclusivos de aperfeiçoamento docente (DOM BOSCO, 2018).



que o professor reflita sobre a própria prática num contexto cotidiano para que possa resolver problemas a partir da perspectiva empreendedora. Além disso, suas práticas de ensino devem garantir uma educação que tenha como objetivo estimular nos estudantes o desejo de solidariedade, de saber viver juntos e valorizar a cidadania.

Em face desse processo de formação, apropriamo-nos dos questionamentos de Galuch e Sforini (2011) para refletirmos sobre a estruturação e os objetivos da formação, em especial a do alfabetizador retratada no material analisado. Questionam as autoras, “por que essas capacidades e não outras? Não se trata de uma formação contraditória? Como formar sujeitos competitivos e, ao mesmo tempo, solidários?” (GALUCH; SFORINI, 2011, p. 56).

Nesse sentido, compreender porque são eleitas essas capacidades como foco da formação do alfabetizador, na lógica desse material, pressupõe o entendimento que esse desprende sobre a relação entre escola e o mercado trabalho.

Essa articulação ocorre quando se deseja uma formação na perspectiva de competências e habilidades articulada ao empreendedorismo, fundamentada na flexibilidade do sujeito e em sua capacidade de resolver situações problemas. Ou seja, o sujeito “permanecer em constante processo de aprendizado e da sua competência de encontrar soluções para problemas de diferentes naturezas, conseguindo transpor esse aprendizado para situações sociais e do trabalho” (GALUCH; SFORINI, 2011, p. 56).

Nesse sentido, “o papel do professor é planejar situações em que o aluno precise, obrigatoriamente, desempenhar algumas tarefas vinculadas aos problemas cotidianos, com o intuito de solucionar as questões propostas” (DOM BOSCO, 2018, p. 22).

A solução de problemas contribui para a formação de alunos com capacidade de pensar, agir, criar e inovar, competências essenciais ao convívio social na atualidade. O professor, nesse contexto, exerce a função de líder do grupo [...]. Entendida e praticada, essa estratégia passa a ser metodologia de ensino permanente no cotidiano escolar, pelas próprias características de inovação, criatividade, curiosidade, autonomia, alterando, definitivamente, a prática docente (DOM BOSCO, 2018, p. 22).

Dessa forma, compreendemos que a formação profissional do alfabetizador define a concepção de atividade produtiva como liderar grupo num contexto de inovar e criar novas competências e habilidades para o convívio social. Para Gomes (2006, p. 42), “é necessário ao capital escravizar a educação aos seus interesses, pois ela é um vetor estratégico de concretização da dominação, da exploração ou da emancipação humana”. E, nessa



escravização da educação, os conhecimentos são substituídos pela proposta de habilidades e competências que são incorporados em propostas de ensino que reduzem a atividade produtiva do alfabetizador em lideranças de habilidades e competências empreendedoras.

Nessa proposta, “o que se pode perceber é a valorização da prática e do treinamento de competências, em detrimento da formação teórica” (SILVA NETA, 2008, p. 7). Na lógica da formação profissional por competências e habilidades, os alfabetizadores são profissionalizados a partir de um “saber-fazer”, um saber-fazer em termos de capacidade de encontrar novas formas de ação que permitam melhor adaptação aos ditames da sociedade capitalista, pois essa lógica não possibilita uma ruptura no sistema dominante (DUARTE, 1998).

A atividade produtiva, a partir dessa formação por competências e habilidades, conduz ao produto de uma aprendizagem técnica de saber-fazer para atender às demandas do mercado. E, para cumprir com esse objetivo, o produto desejado, aplicam-se avaliações diagnósticas aos estudantes visando ao controle da atividade produtiva do alfabetizador que, ao final, deve indagar-se: “como eu professor darei conta de tarefa tão difícil? Como devo atuar para alcançar esse objetivo? Como farei os alunos terem interesse pelas minhas aulas? Como eles entenderão que as ocorrências em sala serão levadas para a sociedade?” (DOM BOSCO, 2018, p. 7).

Diante desse cenário, esse sistema apostilado desloca da formação profissional de alfabetizadores a compreensão da atividade produtiva que é o ensino e enfatiza a necessidade de desenvolver competências e habilidades condicionadas às expectativas da sociedade de lucro, do capital.

### **3. Formação profissional e sua relação com a atividade produtiva do alfabetizador na perspectiva Histórico-Cultural**

Compreendemos que o trabalho produtivo do alfabetizador está articulado ao seu processo de formação, processo que define os produtos, ou resultados, esperados de sua atividade produtiva. No cenário atual, sob a égide do modelo capitalista, são as demandas



hegemônicas que definem os resultados do trabalho do professor, em especial para a classe trabalhadora (MARTINS, 2010).

Nessa lógica, a formação do alfabetizador busca efetivar uma atividade produtiva que gere resultados técnicos esperados para o atendimento das demandas mercadológicas. Por isso, visam a formar professores na lógica das competências e habilidades que conduzem a execução de um trabalho simplificado.

Duarte (2010) define que, na lógica das competências e habilidades, a concepção de ensino ancora-se na teoria do capital humano, que demanda a formação de sujeitos flexíveis, que atendam ao modo de produção capitalista e estejam preparados para competir ao longo de suas vidas, com o intuito de conseguir uma colocação no disputado mercado de trabalho em que não há espaços para todos.

Com essas necessidades, o capital se apropria da educação como uma via de controle e, como afirma Duarte (2010), desprende, na formação de professores, seu escopo de competências e habilidades as quais objetivam, de forma camuflada, a minimização dos conhecimentos científicos e maximização de saberes técnicos para uma prática fragmentada e desconectada da possibilidade de transformação social. Por isso, como produto da atividade produtiva docente, teremos a formação da mão de obra desejada pelo mercado.

Porém, diante dessas amarras, acreditamos que a formação docente, do alfabetizador, com fundamentos na perspectiva histórico-cultural torna-se uma via possível de compreensão e superação dessa lógica. Essa perspectiva compreende que a formação de alfabetizadores deve potencializar o trabalho do ensino na alfabetização e possibilitar a máxima humanização dos sujeitos, objetivando que a educação escolar incida sobre a

[...] transformação das pessoas em direção a um ideal humano superior, na criação das forças vivas imprescindíveis à ação criadora, para que seja, de fato, transformadora, tanto dos próprios indivíduos quanto das condições objetivas que sustentam sua existência social (MARTINS, 2007, p.45).

Isso demanda um processo, “absolutamente condicionado pelas apropriações do patrimônio físico e simbólico produzido historicamente pelo trabalho dos homens”, dos quais os alfabetizadores não podem estar alienados e privados (MARTINS, 2010, p.19), pois o processo formativo profissional deve ser provido de conhecimentos teóricos necessários para



superar os saberes tácitos e a correspondente desvalorização do conhecimento científico, teórico e acadêmico (DUARTE, 1998).

A atividade produtiva do alfabetizador é o ensino que deve ter como fruto o patrimônio intelectual mais elevado da humanidade, os conhecimentos científicos. Para Cagliari (1998), na alfabetização, o conhecimento mais elaborado é a linguagem incorporada pelo caráter simbólico e a funcionalidade da escrita (CAGLIARI, 1998). Por isso, o trabalho com a linguagem e com o ensino da escrita é o caminho para uma alfabetização na perspectiva da emancipação.

Contudo, alfabetizar na perspectiva da emancipação, e entendemos emancipação como a capacidade do sujeito agir a partir das apropriações e incorporações dos conhecimentos científicos, demanda um processo formativo para os alfabetizadores capaz de compreender para além de técnicas apresentadas por materiais, mas para um ensino que tenha em seu escopo os conhecimentos necessários à compreensão da linguagem como sistema simbólico, na perspectiva da interação.

Dessa forma, concebendo o docente como síntese das múltiplas determinações, Freitas (2012), ao analisar o perigoso controle do capital sobre a educação, alerta que a formação do professor está atrelada ao estreitamento curricular, à competição entre profissionais e escolas, à pressão sobre o desempenho dos alunos e preparação para testes, fraudes e à precarização da formação do professor. Por isso, sob o controle na alfabetização, em especial no ensino à classe trabalhadora, está intrínseca a ideologia que estrutura as formações docentes que desvinculam a atividade produtiva do alfabetizador do produto desejado de sua atividade, a emancipação.

Kosik apontava, ainda em 1976, que a superação desse processo que aliena os sujeitos só é possível a partir da destruição da pseudoconcreticidade, conceito que, atualmente, é imposto, especialmente, na formação de alfabetização. A pseudoconcreticidade é o processo que aproxima o sujeito à prática utilitarista, advinda de saberes do cotidiano, como essência de sua formação, o que dificilmente possibilita a emancipação.

Nesse sentido, pensar em alfabetização e em formação de quem alfabetiza na perspectiva histórico-cultural é compreender que esses processos inter-relacionados são também sistematizados e objetivados. Por isso, a alfabetização nessa perspectiva, especificamente com fundamentos nos estudos de Vigotski e Luria, demanda compreender



que os processos psíquicos da aprendizagem da linguagem escrita se desenvolvem nas crianças antes mesmo de elas entrarem na escola. Luria (2001, p. 143) afirma que

O momento em que uma criança começa a escrever seus primeiros exercícios escolares em seu caderno de anotações não é, na realidade, o primeiro estágio do desenvolvimento da escrita. As origens deste processo remontam a muito antes, ainda na pré-história do desenvolvimento das formas superiores do comportamento infantil; podemos até mesmo dizer que quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender a escrever em um tempo relativamente curto.

Os dispostos de Luria (2001) nos apresentam que a escrita tem diversos estágios de desenvolvimento e que a criança, antes de entrar na escola, já assimilou algum desses estágios considerados fundamentais para a aquisição da linguagem escrita. É a partir desse momento que entra em cena o ensino sistematizado e objetivado da alfabetização.

O ensino na fase de alfabetização deve ser potencializador de aprendizagens de conhecimentos científicos. É aquele que objetiva à aprendizagem a partir da compreensão da dimensão simbólica da linguagem escrita, pela criança, para além da reprodução de letras e números (MARTINS; MARSIGLIA, 2015). É aquele ensino elaborado para o avanço significativo da compreensão da linguagem escrita.

Assim, não é suficiente que o sujeito tenha acesso a conceitos científicos para que seus processos internos de desenvolvimento sejam acionados, mas há que se ter acesso a uma situação de ensino adequada. Vigotski (1998) alerta que o ensino intencional apresentado em suas escritas não se articula com as prescrições de práticas para ensinar, mas com ações práticas organizadas, sistematizadas e objetivadas para o ensino dos conhecimentos científicos necessários à humanização dos indivíduos.

Dessa forma, refletir sobre a formação profissional e atividade produtiva do alfabetizador demanda pensar em um ensino promotor do desenvolvimento humano que implica analisar a qualidade do conteúdo escolar e o modo de sua apropriação pelo aluno.

### **Considerações finais**



Neste estudo, determinamo-nos a analisar o processo de formação profissional e da atividade produtiva do alfabetizador, a partir da lógica do Sistema apostilado Dom Bosco/PEARSON e suas relações com a alfabetização, na perspectiva de um processo potencializador de ensino e de aprendizagens de conhecimentos científico necessários para a plena humanização dos sujeitos. Com base na perspectiva histórico-cultural, avaliamos que, com tais materiais orientadores, o processo de formação de alfabetizadores e de ensino na alfabetização resulta fragmentado.

Articulados ao objetivo, os resultados expressam que, na lógica do sistema apostilado, as habilidades e competências desejadas objetivam que o professor reflita sobre a própria atividade produtiva num contexto cotidiano para que possa resolver problemas a partir da perspectiva empreendedora.

Ao contrário da perspectiva formadora resultante do uso do Sistema apostilado Dom Bosco/PEARSON, contudo, o processo de formação profissional deve manter uma relação com a atividade produtiva num sentido de ambos estarem articulados e serem potencializadores da ampliação do repertório cultural e intelectual mais elevado da humanidade. Dessa forma, acreditamos ser possível a superação da alienação da vida cotidiana numa sociedade socialista, porém, para isso, é necessário superarmos o fosso que atualmente existe entre a formação profissional e a atividade produtiva, em especial, na alfabetização.

## **Referências**

- BECALLI, Fernanda Zanetti. **O ensino da leitura no programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA)**. 2007. 251f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.
- BERTOLETTI, Estela Natalia Mantovani. Lourenço Filho, alfabetização e cartilhas: percurso e memória de uma pesquisa histórica. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. Cultura Acadêmica: Marília, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bú**. São Paulo: Scipione, 1998.
- DOM BOSCO, Sistema de ensino. **Saberes e práticas docentes**. Curitiba: Pearson, 2018.
- DUARTE, Newton. Concepções negativas e afirmativas sobre o ato de ensinar. **Cadernos Cedec**. Campinas, ano XIX, n. 44, p. 85-106, abril, 1998.



FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Trad. D. Lichtenstem et al. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à distribuição do sistema público de educação. **Sociedade & Educação**. Campinas, v. 33, n. 119, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302012000200004&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302012000200004&lng=pt)>. Acesso em: 22 abril. 2018.

GALUCH, Maria Tereza Bellanda; SFORNI, Marta Sueli de Faria. Interfaces entre políticas educacionais, prática pedagógica e formação humana. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.6, n.1, p. 55-66, jan.-jun. 2011.

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização**: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LURIA, Alexandre Romanovich. O desenvolvimento da escrita. In: VYGOTSKY, Lev Semenovitch et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001, p. 143-189.

MARTINS, Leoneide Maria Brito. **A formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotskiano. Campinas: Autores Associados, 2007.

\_\_\_\_\_. **Um estudo sobre a proposta para formação continuada de professores de leitura e escrita no programa PRÓ-LETRAMENTO**: 2005/2009. 2010. 218f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília.

MARTINS, Lígia Márcia.; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **As perspectivas construtivistas e histórico-crítica sobre o desenvolvimento da escrita**. São Paulo: Autores Associados, 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA NETA, Orides Maria da. **O tema alfabetização na legislação para formação de professores alfabetizadores no Brasil**. 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.